



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
CAMPUS DO SERTÃO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Keline Vidal de Souza

**História e cultura na comunidade quilombola do povoado Cruz: Delmiro  
Gouveia Alagoas**

Delmiro Gouveia/AL

2021

Keline Vidal de Souza

**História e cultura na comunidade quilombola do povoado Cruz: Delmiro  
Gouveia Alagoas**

Artigo apresentado ao Curso de  
Licenciatura em História da  
Universidade Federal de Alagoas –  
Campus do Sertão, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Licenciatura em História.  
Orientador: Marcos Ricardo de Lima

Delmiro Gouveia/AL

2021

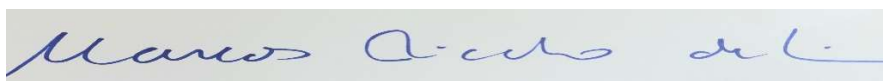
## Folha de Aprovação

KELINE VIDAL DE SOUZA

### **História e cultura na comunidade quilombola do povoado Cruz: Delmiro Gouveia Alagoas**

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do grau de graduada em História.

Aprovado em: 30 de Setembro de 2021.



---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Marcos Ricardo de Lima (Orientador)  
Universidade Federal de Alagoas

BANCA EXAMINADORA:



---

Prof<sup>a</sup>. Marcus Swell Brandão Menezes  
Universidade Federal de Alagoas (Examinador  
Externo)



---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Carla Taciane Figueiredo  
Universidade Federal de Alagoas (Examinadora  
Interna)

## RESUMO

Reviver a história e cultura dos remanescentes de quilombolas na comunidade do povoado Cruz na cidade de Delmiro Gouveia Alagoas no Alto Sertão de Alagoas, é aproximar de suas trajetórias e conquistas no decorrer dos anos. Tendo como o objetivo analisar as entrevistas sobre as contribuições das lideranças para o movimento referente à história e cultura na comunidade quilombola do povoado, correlacionando com a perspectiva histórica de ser e viver destes remanescentes em suas interfaces. Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser compartilhadas, transformando-as em experiência para fugirem do esquecimento. Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se a pesquisa de tipo qualitativa e como recurso metodológico, foi realizada uma pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas de duas lideranças da comunidade quilombola do povoado Cruz. Fazendo correlação entre teoria e prática, foi feito também um levantamento bibliográfico em torno de temáticas correspondentes ao objeto de pesquisa. Consistindo na construção de uma análise mais ampla da realidade da cultura oral, colaborando para discussões a respeito de métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuras produções científicas.

**Palavras-chave:** História. Quilombolas. Povoado Cruz.

## **ABSTRACT**

Relive the history and culture of the remnants of quilombolas in the community of the Cruz village in the city of DelmiroGouveiaAlagoas, in Alto Sertão de Alagoas and bring them closer to their trajectories and achievements over the years. The objective is to analyze the interviews about the contributions of the leaders to the movement related to history and culture in the quilombola community of the village, correlating them with the historical perspective of being and living of these remnants in their interfaces. When a person starts to report their memories, they transmit emotions and experiences that can and should be shared, transforming them into an experience, to escape from being forgotten. To achieve the proposed objectives, qualitative research was used and as a methodological resource, a field research was carried out with semi-structured interviews with two leaders of the quilombola community in the Cruz village. Making a correlation between theory and practice, a bibliographical survey was also carried out on themes corresponding to the research object. Consisting of building a broader analysis of the reality of oral culture, contributing to discussions about research methods and results, as well as reflections on the realization of future scientific productions.

**Keywords:** History. Quilombolas. Cross town.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma discussão relativa à história e cultura na comunidade quilombola do povoado Cruz, município de Delmiro Gouveia, Alagoas, falando da luta destes remanescentes quilombolas pelo reconhecimento estatal, sua realidade social, conquistas, tudo isso, através dos seus relatos orais entre o século XX até os dias atuais.

A história do quilombo expõe uma trajetória de luta e resistência quanto aos terrores da escravidão, que “[...] mercantilizou parcelas consideráveis de negros africanos, os quais foram trazidos às colônias, entre elas o Brasil” Silva (2015, p. 29). Quilombolas “é necessário haver o auto reconhecimento de sua identidade étnica, isso sim garante o título de comunidade quilombola, não importa se é negro ou branco, cabelo liso ou crespo, de cor branca ou preta, olhos azuis ou castanhos, e nem precisa estar ligado às religiões de matriz africana” (GONÇALVES, 2019).

Através da figura da escrava Silvana que tinha sangue da realeza africana, consegue fugir quando a comitiva de Dom Pedro II no qual fazia diligência na cidade de Piranhas-AL em 18 de outubro de 1859 procurou se esconder com outros negros nas grutas do rio São Francisco, com isso o Povoado Cruz vem mantendo vivo as realidades de matriz africana, dando espaço para a formação da identidade étnica do seu povo, demonstrando seus contrastes, mas que necessita sim ser lembrados de seus costumes. O conhecimento da comunidade é fruto de uma resistência que necessita ser exposta não só no meio acadêmico, mas na própria cidade de Delmiro Gouveia, assim como no estado de Alagoas.

Nesta perspectiva, foram constituídas as seguintes questões de pesquisa: quais as realidades desta comunidade em meio aos contrastes culturais da atualidade? Como essa comunidade manter sua cultura no Alto Sertão de Alagoas? O que a posição de liderança da comunidade quilombola representa para o coletivo no povoado Cruz?

O tema é viável na medida em que apresenta reflexões sobre a inclusão social e a preservação da cultura dos quilombolas no sentido de acolhimento para a prosperidade da comunidade do campo. Neste enredo, adentrar na luta de classes sociais é uma necessidade constante no meio capitalista, para que existam sempre novas oportunidades de favorecer cada vez mais a luta pela sobrevivência da cultura deste povo que resiste.

Sobre a fonte oral utilizada, segundo Bosi, quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser compartilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento. No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que transcorre ao seu redor. É um momento no qual lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narra a sua história. Ao traduzir experiências vividas, relacionadas à situação atual dos sujeitos (1979).

Neste contexto, o objetivo do artigo é analisar as contribuições das lideranças para o movimento, a história e cultura na comunidade quilombola do povoado Cruz, em Delmiro Gouveia, correlacionando com a perspectiva histórica de ser e viver destes remanescentes em suas interfaces.

Os objetivos específicos dizem respeito a: descrever como funciona a realidade na comunidade; perceber quais as contribuições das lideranças nesse movimento social e compreender a perspectiva histórica da cultura oral para a sociedade e seus respaldos no âmbito da posição da continuidade da história.

Este trabalho está sendo desenvolvido em meio a uma pandemia, com isso houve muitas dificuldades em desenvolver a escrita, assim como desenvolver as entrevistas, e ter em mãos trabalhos anteriores a este, com isso, a realidade é bem diferente e complexa para juntar e colocar realmente o enredo deste estudo.

O trabalho está dentro de unir informações, como no caso do senhor Laércio Firmo de Lima que é o presidente da associação dos quilombolas, Hélia Aparecida Moreira é a diretora da Escola Dr. Antenor Serpa e Dione Araújo Lima que é ACS (Agente Comunitário de Saúde) no Povoado Cruz e que foi a Líder antes de Laércio Firmo passando o cargo para ele por falta de reconhecimento e inclusive o Laércio Firmo não dá mais informações e entrevistas por estar cansado do não reconhecimento e se negou a prestar alguma informação!

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se a pesquisa de tipo qualitativa e como recurso metodológico, foi realizada uma pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas de duas lideranças da comunidade quilombola do povoado Cruz. Fazendo correlação entre teoria e prática foi feito também um levantamento bibliográfico em torno de temáticas correspondentes ao objeto de pesquisa. Consistindo na construção de uma análise mais ampla da realidade da cultura oral,

colaborando para discussões a respeito de métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuras produções científicas.

## **2. Memória e história oral**

A memória pode separar o eu dos outros, desenvolvendo uma relação não separada, mas de forma que exista interação. Relação que este intercalado e fortalecendo assim a prática da reelaboração da memória em meio a relação da história oral. Os relatos orais fortalecem a memória para que possa dar a sequência lógica do andamento e desenvolvimento do enredo histórico.

A relação memória entre o vivido e o recontado deve ser agraciado, contudo em momentos que possam somar como relata Amado (1995), entre a experiência e a memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que aconteceu. A vivência e memória possuem naturezas diferentes, o contexto do vivido remete à ação, a concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social em um momento próximo.

A realidade diante da memória e a história oral entrelaçam para a interpretação social de um povo, mesmo estando em lados distintos, contudo andam em mesmo sentido, com isso Amado (1995, p.131) fala que “a prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da história”. A história e a memória mantêm muitas relações que devem ser analisadas na mesma ótica, possibilitando assim uma associação dos fatos.

A interpretação na realidade histórica e oral deve ser sempre bem vista para análise e conclusão dos estudos. Bosi (2003, p.15) interpreta que a memória oral é um instrumento valioso para constituir a crônica do cotidiano. Ela comenta que “Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra”. Cada realidade é um caminho a ser trilhado, contudo enfoca a realidade sempre de um povo que necessita de atenção e respeito em sua realidade histórica.

Resgatar ao passado é vivenciar para o futuro. Gerir saberes em meio aos contrastes do passado pode fortalecer para manter-se firme em meio à produção histórica de um povo. A cultura é a fonte de existência e determinação de muitos para que algo pudesse acontecer para que os dias de hoje possam ser visto com olhares

mais firme. A realidade de um povo estar gravada em sua cultura seja ela escrita ou oral em meio às dificuldades e realidade das parcelas temporais de um povo.

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas (MORIN, 2002, p. 56)

A cultura oral é uma realidade social muito exercida ainda no tempo atual, o conhecimento familiar e as realidades locais de uma comunidade é passada de forma contada, dos mais velhos para os mais novos. As formas são narradas para manter viva a cultura social de um povo.

O resgate da cultura oral é uma forma de manter viva a realidade de um povo. Os remanescentes de quilombolas no estado de Alagoas é um marco de resistência da cultura brasileira que em alguns pontos do estado alagoano ainda é narrado através de histórias contadas, não existe praticamente nenhum documento datados do período. As famílias sempre que possível estão passando esse conhecimento que está vivo e necessita ser lembrado.

O momento atual é complexo para a continuidade de quilombolas referente a cultura oral em virtude da juventude migrar para outras regiões do Brasil a procura de outras fontes de renda. O conhecimento fica fragmentado. A força oral deve ser mantida e envolvida com os seus para que possa existir o elo dentro de sua comunidade.

A força dos excluídos, daqueles que muitos fazem questão de não vê para que seja algo neutro, mas que estar acontecendo e formulando caminhos para outros seguirem as suas estratégias. A força da história oral pode realmente dar a expressão que falta para muitos em meio à realidade onde esteja inserido na sociedade. Os derrotados estão inseridos na realidade da história oral como fonte de inspiração para suprir os erros.

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os "derrotados". Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história. (ALBERTI et al, 2000, p. 33).

O carisma em meio aos contrastes da realidade local deve ter um elo de vivência e resistência para fortalecer e manter viva a história deste povo. A cultura é uma parte essencial de uma social para que com isso possa favorecer as raízes de um povo. A comunidade de remanescentes de quilombolas é sinônimo de força e resistência para dar continuidade a seus antepassados que aqui estiveram presente nesta região do alto sertão alagoano.

A lutar pela vida em meio às altas temperaturas do alto sertão é uma forma de viver e seguir para a liberdade. O foco narrado em uma história oral de pessoas que ainda querem manter viva a realidade de um povo que foi oprimido é um caminho áspero, mas que necessário para que a história oral possa manter-se viva, mesmo que sem ganhar nada financeiramente, mas ganha em meio à perseverança de manter a sua história viva. Assim como falava Bosi "O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história" (1979, p 14)".

A descrição de uma fala sempre vem com a entonação local, expondo um pouco do que estar passado, fazendo referência a realidade do povo que ali estiveram juntos e fortes. A opressão e perseguição para que a ação estivesse presente no seu cotidiano, fortalecendo e rompendo com os entraves da própria história de intenso sofrimento. Contudo a memória deve ser mantida viva, sem opressão.

Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos (BOSI, 1979, p. 19).

A tradição é uma realidade, mas nem sempre é exposto os fatos ocorridos, mas como alguns desejam que sejam lembrados na realidade oficial. A cultura oral tem uma realidade distinta em meio aos altos e baixos dos tramites oficiais, com isso procura relatar em meio à realidade da comunidade de geração a geração os fatos importantes para que não seja esquecido e mantido a história oral local.

A vivência às vezes fica difícil, contudo as tradições devem ser mantidas para que possa resistir. A evolução social em meio aos contrastes do capitalismo coloca a frente os interesses financeiros para que possam evoluir. Contudo a cultura oral encontra essa realidade e às vezes é deixada de lado, deixando de ser contada para

outra geração. O resgate deve ser colocado em registros para que o tempo não possa apagar a evolução de nosso povo brasileiro.

Dentro desta necessidade de manter a cultura oral de um povo, aflora a realidade cultural com suas manifestações em hábitos e práticas que sempre serão alavancados para o foco da comunidade em manter a cultura viva. Não é fácil, mas o seguimento cultural desta comunidade deve ser apreciada e comentada para que não possa perecer em meio ao processo de aculturação do povo.

A concepção descritiva de cultura refere-se a um variado conjunto de crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico. A concepção simbólica muda o foco de interesse com o simbolismo: (...) o estudo da cultura está essencialmente interessado na interpretação dos símbolos e ação simbólica. (THOMPSON, 1995, p. 166).

Reviver os momentos épicos de uma cultura sendo narrada por seus descendentes é demonstrar a responsabilidade em manter viva a história do seu povo. A necessidade de contar e manter acesa a chama cultural é uma forma de luta sobre muitos estereótipos que estão formados no decorrer dos anos, portanto o cuidado e o respeito são ferramentas cruciais para o erguimento da consolidação histórica e cultural dos remanescentes de quilombolas no alto sertão em alagoas.

### **3. A disciplina História e cultura afro-brasileira e africana: debates em torno da Lei 10.639/03**

Preparar metodologias que possam abraçar a realidade da comunidade quilombola do Povoado Cruz é uma necessidade de melhorias e conservação da cultura deste povo. O planejamento deve ser revisto dentro da Lei 10.639/03 tem contribuído para esta perspectiva de igualdade de direitos na sociedade, bem como os avanços após a promulgação da mesma, sendo consideradas e valorizadas as diferenças, sobretudo, dos negros.

O trabalho deve ser contínuo, alimentado a realidade local, favorecendo a cultura brasileira. O respeito e o domínio dos conteúdos devem ser administrados dentro da ótica local. A realidade africana assim como a necessidade de conhecimento dos remanescentes deve ser alvo de estudos para que eles possam conhecer os seus antepassados.

A luta pelo respeito e reconhecimento da cultura negra, por relações de trabalho mais justas e dignas, pela igualdade de direitos sociais a homens e mulheres de diferentes segmentos étnico/raciais, pelo acesso, permanência e êxito do povo negro à educação tem se constituído como um marco na história e nas reivindicações da comunidade negra. É preciso que as diversas organizações do movimento social, os pesquisadores e os profissionais da educação considerem a importância e a especificidade da luta do povo negro (SILVA, BARBOSA 1997, p.19).

O ensino dos negros no Brasil sempre foi difícil para realmente acontecer. Estes espaços sempre foram ocupados pela classe dominante, os negros foram minoria no acesso à escolarização, dificilmente conseguia um espaço, e os poucos que conseguia dificilmente chegavam ao topo. Esta realidade sempre foi muito presente para os negros, visto às dificuldades de ingressar nestes espaços de educação formal.

A conquista de melhorias e propiciar igualdade de direito, de maneira a incluir de forma consistente e efetiva, onde seja valorizada a história e cultura afro-brasileira, através da Lei. 10.639/03. Com isso deixa espaço para uma administração condizente com a realidade local. A LDB pode ser administrada de forma específica em se tratando da realidade educacional inclusiva.

O parecer CNE/CP n.º 3/2004 que documenta a regulamentação da lei 10.639/2003 e estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos termos do Artigo 26 A da Lei 9394/1996 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Ao longo de mais de 300 anos, os negros foram escravizados e tiveram que se fazer invisíveis aos olhos da sociedade, o que perdurou mesmo após a abolição da escravidão. Essa invisibilidade foi fator decisivo para o esquecimento destas comunidades, que hoje se encontram em sua maioria em áreas rurais, possuem baixos níveis de escolaridade e renda, e se mantêm com atividades econômicas, predominantemente, baseada na agricultura de subsistência, pecuária e artesanato (CALHEIROS; STADTLER, 2010).

O trabalho é complexo, mas deve ser colocado em prática, as reivindicações é um começo, contudo os deveres é uma necessidade que deve ser administrada. Profissionais assim como os mais velhos da comunidade devem ser escutados para que isso possa realmente acontecer no povoado Cruz. A cultura deste povo é rica e não deve ser esquecida, deve ser trabalhada na escola do povoado de forma condizente com seus antepassados.

#### 4. Quilombos e comunidades remanescentes em Alagoas

Alagoas sempre se destacou por ser palco da maior revolta de escravizados ocorrida no Brasil onde o quilombo mais conhecido é o de Palmares na Serra da Barriga com 62.300 habitantes (IBGE/2015), pois foi em 1630 que começou a organização do Quilombo dos Palmares sob a direção de Zumbi dos Palmares que se manteve firme com diversas lutas para conseguir sua liberdade. O grupo resistiu até 1694, ano em que o quilombo foi destruído.

As lutas travadas no território alagoano é uma forma de resistência e poder perpetuar a história que se mantêm viva, contudo necessita sempre ser contada para as novas gerações demonstrando a resistência e permanência por ideais de liberdade.

Alagoas é um Estado que está historicamente ligado ao cultivo de uma monocultura: a cana de açúcar. Essa produção está atrelada a um tipo de modelo de produção, o agroexportador, que necessita de grandes extensões de terras. Assim, essas terras passaram por alguns processos de ocupação e de interesses familiar oligárquico muito forte, o que torna ainda mais difícil o acesso ou o mantimento delas (MARQUES; MENDES; SILVA, 2015).

No período escravocrata, esses grupos atuaram nos engenhos de açúcar, economia predominante na época. Na transição que ocorreu entre o fim da escravidão e o novo regime de trabalhadores livres, o trabalho escravo foi substituído pelo trabalho servil, dando continuidade à economia dos engenhos de açúcar (CARVALHO, 2015).

O reconhecimento das especificidades territoriais está relacionado ao princípio de especificação dos ativos ou a busca pelos recursos próprios ao território. O autor reforça que os recursos presentes em um dado território podem se transformar em ativos, como um produto de um processo de melhoria, resultado de interesses e mobilização de diversos atores. A especificidade territorial, nesta perspectiva, constitui uma chave para um desenvolvimento mais criativo e inovador, fundado em saberes locais (PECQUEUR, 2005).

A política Federal para quilombos está vinculada ao Programa Brasil Quilombola (PBQ), coordenado pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR). Esse programa foi lançado em 2004 com o objetivo de consolidar os marcos da política de Estado para as áreas quilombolas, e como desdobramento foi instituída a Agenda Social Quilombola (Decreto 6261/2007), que agrupa as ações de

diversos ministérios voltadas às comunidades em quatro eixos principais, quais sejam: 1) Acesso a Terra; 2) Infraestrutura e Qualidade de Vida; 3) Inclusão Produtiva e Desenvolvimento Local; e 4) Direitos e Cidadania (SANTOS; ROCHA, 2017, p. 5).

A história dos quilombos deve sempre ser tratado como uma história de luta e de resistência que remonta a uma época obscura sociedade não só alagoana, mas brasileira: à época da escravidão, que “[...] mercantilizou parcelas consideráveis de negros africanos, os quais foram trazidos às colônias, entre elas o Brasil” (Silva, 2015, p. 29). Realidade que estar exposta até os dias atuais nas cidades mais antigas, assim como na própria cultura brasileira.

Na visão de Mura (2006), que em suas reflexões utiliza a noção de “dinâmica territorial”, que é o movimento contínuo no tempo, por meio dos processos que ocorrem em um determinado espaço geográfico. Assim, os grupos sociais e étnicos se configuram e ajustam o território em um determinado modo. Formulando os seus próprios meios para que pudessem sobreviver diante da realidade em cada época.

Dentro desta realidade pode melhor visualizar focalizando as diversas origens e histórias desses grupos, uma denominação também possível para esses agrupamentos identificados como “remanescentes de quilombo “seria a de terras de preto, ou território negro, tal como é utilizada por vários autores, que enfatizam a sua condição de “coletividades camponesas”, definidas pelo compartilhamento de um território e de uma identidade, neste sentido o espaço e as características demonstrarão a formulação de Alagoas (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO2002).

Alagoas foi sinônimo de resistência contra os donos dos escravos. Os quilombos era sinal de luta de manter-se vivo, mesmo sabendo que era perigoso, mas a liberdade era algo mais valioso, os passos da fuga a se esconder nas caatingas do alto sertão como no povoado Cruz na cidade de Delmiro Gouveia é compreender a necessidade de sobreviver a todo custo.

## Mapa: Comunidades quilombolas de alagoas



Fonte: ITERAL (2021)

Com o processo de reconhecimento das comunidades quilombolas, tentou-se reduzir a distância entre estas e o acesso aos serviços de saúde, educação e infraestrutura, na tentativa de mitigar as desigualdades sociais, no entanto, esta não é a realidade encontrada. Mesmo com o reconhecimento, estas comunidades ainda apresentam precariedade na infraestrutura e saúde, e em Alagoas esta realidade não é diferente. Segundo dados da Secretaria da Mulher de Alagoas, muitas famílias vivem em estado de pobreza e precariedade em relação a habitação, acesso a saúde e renda (ALAGOAS, 2015)

Apesar dos avanços e melhorias na área da saúde, a exemplo da redução nas taxas de mortalidade e aumento na expectativa de vida, a população negra ainda apresenta altas taxas de morbimortalidade quando comparadas com as taxas da população em geral. Além disso, verifica-se que, apesar da melhora em alguns indicadores de saúde, as desigualdades étnicas e raciais ainda permanecem (SILVA, 2015).

## **5. História do Povoado Cruz**

O Povoado Cruz recebeu o nome em homenagem a escrava fugitiva Silvana conhecida como Silvana Quilombola. Foi através de sua história que se formou a Comunidade Quilombola no Povoado. Segundo os relatos feitos por pessoas idosas da comunidade, Silvana era escrava descendente da realeza africana, mas na condição de escrava que acompanhava a comitiva de Dom Pedro II no qual fazia diligência na cidade de Piranhas-AL a Angiquinho (primeira hidrelétrica do Nordeste). Ao se aproximar dos Cânions do rio a escrava junto com outros escravos fugiram, se escondendo em uma gruta as margens do Rio São Francisco. Desde então por alguns anos decidiram habitar o local, depois de passar um tempo outros escravos souberam que havia escravos e passaram a se refugiar transformando o lugar em um quilombo se libertando da escravidão.

## **6. História e cultura afro-brasileira e africana: impactos na educação da comunidade quilombola do Povoado Cruz (Delmiro Gouveia- AL)**

Os primeiros estudos sobre quilombos realizados no Brasil, nos anos de 1930, passavam a ideia de que os negros fugitivos queriam construir “Estados Africanos” como reação a “não adaptação” a outras culturas, chamado de fenômeno contra - aculturativo, ou seja, como se a manifestação da cultura negra fosse uma simples “rebeldia” em oposição à cultura branca europeia, quando na verdade era a reafirmação de sua cultura e estilo de vida, com a qual resistiam à opressão, massacres e completa exclusão (MOURA, GT CLÓVIS, 2008).

Em 2005 a comunidade remanescente quilombola passou a ter o direito de território dentro das Disposições Constitucionais Transitórias que a partir do seu Decreto nº 4. 887/2003 regulamenta o procedimento de Identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por eles, sendo resguardadas em seu art. 68.

Ainda em 2005 a escola da comunidade é reconhecida como escola quilombola pelos institutos, instituições do Literal e Fundação dos Palmares, mas, somente em 2017 passou a ser inserida como escola quilombola. De modo que a sobrevivência da

comunidade era baseada da pesca, da caça e da criação de caprinos e suínos, cuja cultura prevalece desde sua vida de escravização e que até hoje é desse modo. Hoje os hábitos e crenças mudaram conforme a adaptação advinda da civilização do município de Delmiro Gouveia-AL, a escola com seu papel de ensino busca trazer as raízes da cultura africana para que não caiam no esquecimento suas origens e que não venham a perder as religiões herdadas de seus antepassados.

**Foto 01: painel com Dandara figura de força e resistência da mulher negra**



Fonte: própria (2021)

O trabalho para o resgate da força dos antepassados é difícil, mas não impossível tudo com planejamento e foco através de projetos com seriedade na escola, produzirá bons frutos para um futuro próximo. Deixar a história de raiz para outro momento é deixar a vida de lado.

A procura por planejamentos educacionais que possam colocar dentro do ambiente escolar uma educação que seja direcionada para a comunidade quilombola no Povoado Cruz é resgatar a cultura de forma ativa. A educação formal tem uma pegada mais ampla e facilitadora para que as crianças possam vivenciar momentos de descontração e dentro da realidade cultural de suas raízes.

Marcadas pela exclusão e o isolamento, as comunidades quilombolas no Brasil são mantidas como invisíveis nas diversas esferas sociais. Um importante passo foi dado com a promulgação da Constituição Federal de 1988 – através dos artigos 215 e 216 e do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – em que se reconheceu a importância destes grupos na formação do patrimônio cultural brasileiro, e também determinou a

emissão dos títulos de posse às terras ocupadas pelos remanescentes de quilombos (ALAGOAS, 2015, p. 05).

A escola pode trabalhar os estereótipos, romper os obstáculos gradativamente de forma que as marcas dos mais de 300 anos possam ser lembradas como forma de resistência e fortalecimento de uma época que não deve mais voltar. Para que não tenham vergonha de sua cor, mas que possam visualizar que a cultura brasileira a matriz africana estar presente e em muitas regiões é que impera dentro das demais culturas que estão incluídas no Brasil.

#### **Foto 02: raízes africanas**



Fonte: própria (2021)

A força do negro não pode ser esquecida, momentos culturais devem ser mantidos, assim como outros para que o quilombo não deixe de lado as suas raízes, com a participação de todos, a realidade será outra para o quilombo. O trabalho com as crianças devem ser mantidos e administrados dentro de sua faixa etária.

Segundo o autor Clóvis Moura,

Os quilombos não foram apenas uma forma de refúgio, e organização social resistente ao sistema escravista. Mas, proporcionaram o surgimento de uma sociedade alternativa, que pelo seu exemplo mostraria a possibilidade de uma organização formada de homens livres. Pois, incentivaram e criaram premissas para reflexão de grandes camadas da população oprimida. Portanto, tornaram-se os quilombos exemplo da democracia racial de que tanto se fala, mas nunca existiu no Brasil fora das unidades quilombolas (1987 p. 36-37).

Romper o atraso é complexo, mas demonstrar liberdade no futuro é uma realidade que os quilombos podem vivenciar. O maior problema ainda é retirar do próprio negro as chagas do passado, tendo que viver com essa realidade. A comunidade quilombola do Povoado Cruz é uma fonte de luta e resistência para manterem-se vivos e fortes, mesmo com o processo de aculturação do século atual.

**Foto 03: local de oração dos quilombos**



Fonte: própria (2021)

Hoje a Comunidade Quilombola chama-se Povoado Cruz devido a Cruz Milagrosa que a escrava Silvania mantinha suas devoções com as divindades e da ligação entre o Catolicismo e Candomblé. E depois de seu refúgio, a escrava Silvania veio a se casar com outro escravo fugitivo chamado Marcelino Apolinário gerando onze filhos desse relacionamento, desses onze filhos, um deles, com nome de Martins Apolinário casou-se com uma escrava também fugitiva chamada Filirmina Martins gerando quinze filhos que deram início a família Martins.

"Mocambos", "quilombos", "comunidades negras rurais" e "terras de preto", em verdade, referem-se a um mesmo patrimônio cultural inestimável e em grande parte desconhecido pelo próprio Estado, pelas autoridades e órgãos fundiários. As autodenominações dos camponeses dizem respeito a uma

herança histórica, que se renova há várias gerações de negros trazidos para o Brasil na condição de escravos. E para muitos desses grupos a sociedade envolvente ainda é tida como um ambiente hostil. Os Quilombos de hoje correspondem às chamadas terras de preto, ou Comunidades Negras Rurais, que se originaram de fazendas falidas, das doações de terras para ex-escravos, das compras de terras pelos escravos alforriados, da prestação de serviços de escravos em guerras (Balaia, Paraguai) e das terras de Ordens Religiosas deixadas a ex-escravos no início da segunda metade do século XVIII (PNUD, 2005).

Toda via durante algumas gerações o quilombo era fechado apenas para os membros da comunidade que resguardavam seus relacionamentos entre eles, ou seja, os escravos se casavam com seus próprios primos de 1º e 2º grau para não se perder as crenças e culturas africanas, mas em algumas ocasiões acontecia uma má formação genética, alguns filhos nasciam com deficiências do tipo surdez e mudez.

De acordo com a pesquisa feita na escola, o Povoado Cruz oferece como atrativo turístico a trilha e a visita a Gruta que serviu de refúgio para escrava Silvania e seu esposo Marcelino Apolinário, o local onde está localizada a Cruz Milagrosa que deu origem ao nome do Povoado, ainda tem como atração turística a prainha e as belíssimas paisagens do Velho Chico.

## **7. Percepção sobre o ensino de história e cultura afro na Escola Antenor Serpa**

Diante desse contexto histórico, atualmente existem mais ou menos 76 famílias remanescentes de quilombolas e para enriquecer esse trabalho se fez necessário realizar um levantamento bibliográfico para compreender a realidade da comunidade desde sua origem até os dias atuais. Além da pesquisa em artigos e depoimentos. Procuramos saber porque a escola não recebeu nome da escrava Silvania e, nos informaram que a escola recebeu o nome de Dr. Antenor Correia Serpa em homenagem ao primeiro prefeito que em seu mandato construiu a escola. E depois de alguns anos a escola passou por transformações, o PPP se encontra em reajustes, em manutenção porque na outra gestão o PPP não tinha a escola como uma escola quilombola, e pelo senso de 2017 passou a ser considerada uma escola quilombola. A instituição escolar só recebe alunos matriculados, pois nenhuma escola recebe aluno que não esteja inserido nas matrículas, matrícula vínculo.

Segundo as informações prestadas pela direção atual, a escola trabalha a disciplina de História a igualdade racial e suas descendências afro junto com a disciplina de Geografia, pois a escola trabalha em cima da Lei 11. 645 que trabalha a

História Afro, já a disciplina de Geografia a professora educa através das trilhas levando os alunos para realizarem um mapeamento em conjunto com a direção e demais membros da unidade de ensino, devido a segurança dos alunos e ao empenho para conscientização da área, ressaltando se faz necessário a presença dos pais e demais moradores.

Essa ação tem como objetivo despertar nos alunos, o sentimento de identidade e de cuidado com a preservação do ambiente natural para que dessa forma os alunos passem com exatidão o histórico do ambiente e assim serem inseridos na rota turística das trilhas como futuros historiadores. Além de observarem o estado de conservação, o risco e o perigo existente no local antes de divulgarem a localidade da trilha quando for explorada por turistas.

#### **Foto 04: momentos culturais**



Fonte: própria (2021)

A escola ensina o empoderamento de suas crianças e jovens e discutem a continuidade de luta de seus ancestrais, o respeito e valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais dentro dos Parâmetros curriculares Nacionais.

De acordo com a pesquisa realizada na escola Dr. Antenor Correia Serpa, ela atende alunos do 1º ano ao 5º ano fundamental menor, com 06 professores para as disciplinas, sendo 02 professores com Licenciaturas em Pedagogia e educação especial, 04 professores multifuncionais possuindo apenas o magistério, atendendo

90 alunos, 01 diretora, 02 vigilantes e no apoio apenas 05. De acordo com as instalações de ensino no prédio, são 05 salas de aula, 01 sala de recursos multifuncionais para atendimento Educacional Especializado (AEE), 1 banheiro adequado para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, 1 dispensa, pátio descoberto, 1 almoxarifado, área verde, 1 cantina, 01 secretaria, 01 direção, 01 sala de professores, 01 banheiro para os demais alunos com chuveiro, 01 banheiro para professores e demais funcionários, 01 fossa, 01 caixa d'água, 01 sala multimídia, acesso à internet, 01 dispensa, lixo coletado, energia pública e água encanada da rede pública, sobre os equipamentos a escola se dispõe de 01 retroprojektor, 01 TV, 01 DVD, 01 aparelho de som, 01 caixa amplificadora, 01 câmera de fotografia. Com relação às aulas é sempre no turno matutino com 02 turmas cada uma em média de 22 alunos que estudam artes plásticas, dança, educação artística, música, História, Geografia, entre outras.

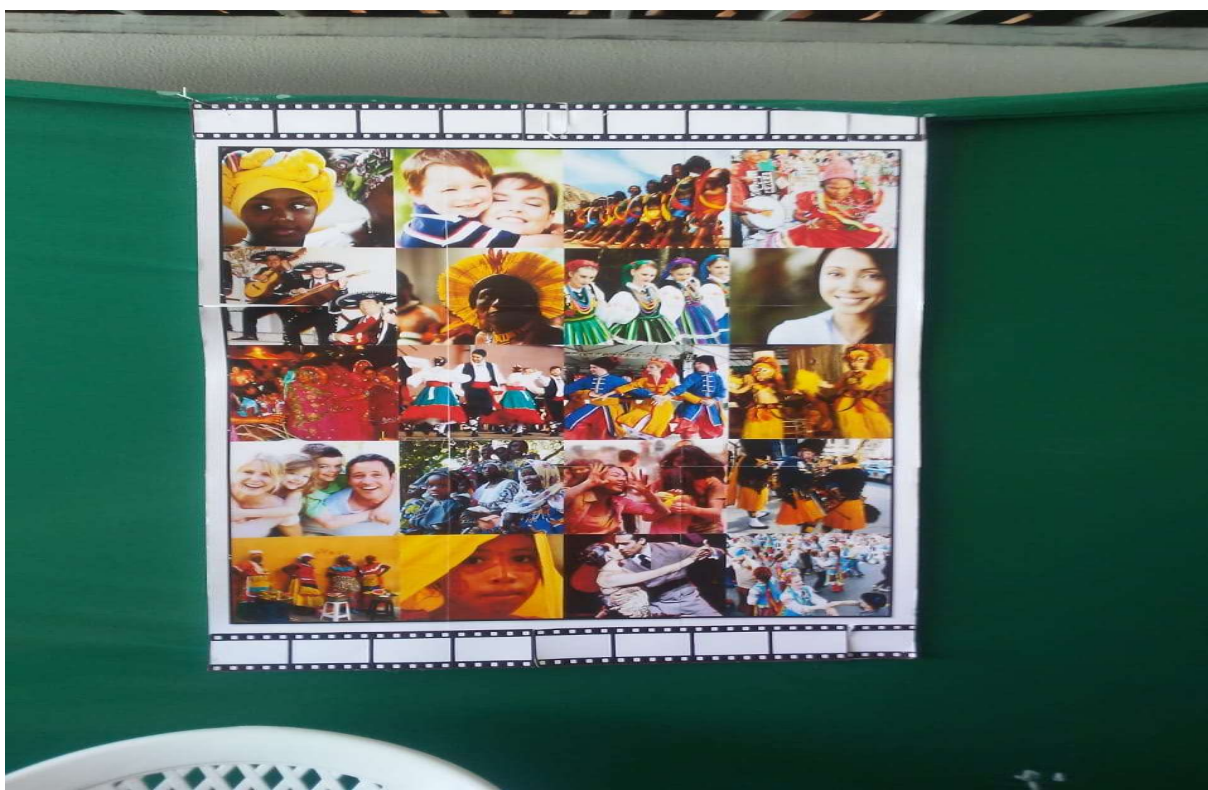
No mês de novembro, o dia em que se comemora a consciência negra a escola procura inserir no planejamento pedagógico as discussões sobre a formação dos quilombos, as questões da comunidade, ressaltando que ao se falar da comunidade quilombola a história não é igual, mas se trata das perseguições e resistência sofridas, então é a mesma história debatida em sala de aula. Então a escola procura inserir esse contexto porque não tem livro didático específico de História, e oferece o ensino apenas para os níveis do 1º ao 5º por se tratarem do fundamental menor, de ensino infantil.

Toda via a instituição não atende os alunos do 6º ao 9º do Fundamental II e também não oferecem o Ensino Médio. Desse modo, os alunos que passam de ano são obrigados a se deslocarem para o Povoado Salgado que fica próximo ou para cidade Delmiro Gouveia por ofertarem o ensino fundamental completo, essa é uma questão que a escola ainda precisa lutar para trazer para comunidade quilombola. De modo que a escola apenas oferece o ensino infantil do 1º ao 5º ano menor, trabalhando apenas um horário que é o matutino.

Ainda se tratando da Escola Dr. Antenor Correia Serpa, ela não se dispõe de livros didáticos para trabalhar História, principalmente sobre os contextos históricos das comunidades quilombolas, segundo a direção, existe uma preocupação que é trazer temas que sejam relacionados com o livro didático, devido a essa questão de não disponibilizar o material apropriado. Contudo, a escola trabalha com uma grade curricular voltado em cima da questão quilombola, questão afro.

As atividades exercidas em sala de aula são divididas em duas partes: uma parte baseada em literatura para sala infantil, sendo que, discute os livros como; os cabelos de lelê, Bruna e a galinha de angola, todas trabalhadas dentro da temática étnica racial, todas expostas no mural da sala, além dos artesanatos, esculturas com as crianças na educação infantil, sendo voltada ao afro dentro do departamento pedagógico. Esses são textos pré-didáticos nas séries iniciais.

#### **Foto 05: diversidade cultural**



Fonte: própria (2021).

A diversidade cultural faz do Brasil um país super especial, contudo para muito complexo em ter uma vida normal em virtude dos estereótipos que confundem a cabeças de muitos. Tendo que ser mais bem abordado nas escolas, romper com essas “brincadeiras” é uma forma de melhor adaptar para a realidade multicores que é essa nação.

Toda via, a escola disponibiliza de uma professora para todas as disciplinas e trabalha a história da comunidade abordando a história afro e afro brasileira dentro da comunidade quilombola, que em relação ao livro didático específico a escola não tem. Essa é a prática docente da professora que trabalha todas as disciplinas, então a

professora especialista em psicopedagogia, ensina História junto com Geografia contextualizando as duas disciplinas porque uma faz parte da outra, por se tratar do 5º ano menor e o assunto não é igual do 6º ao 9º e diferenciado do ensino médio, devido a escola não atender essa modalidade.

Ser quilombola é difícil porque impõe o entendimento de quem se é no jogo de relações sociais com uma cidade que não os reconhece nem valoriza. Com isso, “não é nada fácil”, pois exige desconstruir a ideia colonizadora de quilombo como lugar remoto, onde negros escravizados se refugiavam e, ao mesmo tempo, entender e participar do campo de luta pela titulação das terras, e por direitos que eliminem as desigualdades sociais e raciais que vivenciam. (SOUZA, 2005, p. 101).

Ressaltando que houve uma reinauguração da escola, no qual o Prefeito da cidade Delmiro Gouveia realizou uma reforma para melhoria do ensino na comunidade, a escola foi entregue no dia 20 de novembro de 2019, dia em que se comemora a consciência negra, o mesmo dia em que foi realizado o 2º projeto (Festival Cultural 2019 Raízes Quilombolas: África em nós). No qual a escola Dr. Antenor Correia Serpa apresenta o 2º projeto com o propósito de conscientizar a sociedade sobre a igualdade racial, além de trazer as características presentes nos traços indenitários dentro dos contextos históricos, das descendências africanas e na fabricação de produtos artesanais na escola. A escola trabalha o ano letivo dentro da grade curricular. No entanto, é trabalhado no projeto Raízes em nós o racismo, o fim da desigualdade social.

Foi nesse processo de pesquisa de campo e bibliográfico que no Livro de “Diretrizes curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro brasileira e Africana. Havia uma definição para compreensão do termo “étnico”.

Por esse motivo os dados foram coletados na escola sobre como se organiza e como é trabalhado o contexto histórico da comunidade.

Atualmente, o Povoado Quilombola da Cruz as lembranças de seus antepassados são relatadas pelos idosos da comunidade porque os jovens de hoje deixam que as lembranças se apaguem devido os costumes atuais da nova geração. Mas a escola em seus projetos pedagógicos busca durante o seu ano letivo trazer de volta as histórias e culturas da comunidade tanto porque o povoado é o ponto atrativo dos turistas nas visitas do cruzeiro, este que dá o nome ao povoado quanto as trilhas e a gruta onde a escrava se refugiou devido as perseguições sofridas.

Contudo devemos levar em consideração a história e cultura popular da comunidade quilombola do povoado cruz, assim como as outras comunidades, sejam quilombolas, indígenas, pois tem suas utilidades e significados importantes ao seu estilo de vida. De modo que evoluíram simbolicamente o seu ambiente, mantendo ligações constantes no seu modo de produção no campo enquanto quilombolas, trazendo sua história e cultura além da relação com sua linguagem, tradição aos mitos e hábitos.

Assim, justificasse a necessidade de uma escola na comunidade para a necessidade de aprender a ler e escrever como uma forma de aquisição de conhecimentos qualitativos e descritivos. Dessa forma a pesquisa é considerada como pesquisa de campo, pelos dados das fontes colhidas na escola da comunidade quilombola e, bibliográfica porque se fez necessário fazer uma análise de fontes em livros e artigos.

## **7.1 Relatos**

Com relação à educação eu nem sei te dizer por que eu não participo, minha área é saúde e meu filho não estuda aqui. Na verdade, era para ser aqui na comunidade quilombola. E não era tirar as crianças de 12 anos de idade daqui para outro povoado.

De acordo com educação você não está tanto por dentro não é?

Assim a educação está em falha porque na verdade um quilombo era para estar com todas as crianças dentro dele estudando, não tinha necessidade dele se deslocar para outro local para estudar. Mas a gestão alega a questão do transporte, de professores até aqui. Mas, o mesmo transporte que transportam as crianças daqui para outros povoados poderia trazer professores para a comunidade, até mesmo os professores já são adultos e sabem se protegerem de eventuais riscos. É até mais arriscado para crianças de 11 e 12 anos se deslocarem para outro povoado no ônibus que não tem conforto e não tem segurança.

Com relação a escola nessa comunidade ela tem material suficiente necessário para trabalhar a cultura e as tradições do povoado ou proporciona ao aluno trazer a

cultura resgatando a cultura as tradições ou apenas uma história assim meio que em geral a história?

A escola faz sim contatos com os alunos, mas, agora neste período de pandemia da Covid 19, estamos de mãos atadas, e não podemos cobrar muito dos alunos, por que estamos utilizando plataformas virtuais, via online.

De acordo com o que sabemos, o ensino está relacionado à cultura da própria comunidade?

De acordo com a cultura da própria comunidade ela não é trabalhada dentro da escola a não ser no dia da Consciência Negra. Eles só trabalham a cultura por fora, e só é trabalhada no próprio dia da Consciência Negra e como saber o que é quilombola, isso eles têm que estar sabendo até hoje.

Essa entrevista foi realizada por uma moradora na comunidade quilombola Povoado Cruz que não autorizou colocar seu nome na entrevista.

É assim que eu falo na minha pesquisa até chegar aqui. Que a escola recebeu o nome do prefeito e não da escrava, onde tem a gruta onde fica um cruzeiro, o qual o povoado Cruz passou a ser nomeado. A escrava Silvana usava do catolicismo e do candomblé em suas orações na gruta.

## **2ª Segunda entrevista**

A história é assim: Silvana era uma escrava, ela vem quando na comitiva com Pedro que veio para Água Branca, lá eles adoeceram os escravos e vieram e fugiram; Dom Pedro partiu e os escravos ficaram aos cuidados dos Barões de Água Branca, quando eles se recuperaram e fugiram, Silvana e Apolinário que são os fundadores daqui da Cruz. Chegando aqui encontraram a terra desocupada próximo ao Rio São Francisco e o Rio São Francisco serviam para eles pescarem e caçarem para a própria alimentação. Silvana no início era ajudante nos serviços domésticos, mas com a continuação não tinha mulher, o homem precisa de mulher, ela passou a ser mulher dele, nisso construíram e tiveram 11 filhos e juntos foram a origem no qual fundaram a comunidade e depois começaram a vender as suas próprias terras, pedaços, tarefas e Venderam e é por isso que aqui tem pessoas que outra comunidade que moram

aqui. O meu esposo é bisneto de escravo, o pai dele era neto e aqui ainda tem o Cruzeiro onde a escrava Silvana fazia suas orações. Aqui ainda tem o Cruzeiro, onde Silvana fazia suas orações e também era onde eles residiam. Indo até lá as pessoas viam que o local fica próximo ao Rio São Francisco porque esse era o lugar que eles pescavam e caçavam para sobrevivência.

A cultura e as tradições da comunidade foram esquecidas dentro da própria comunidade na escola? Não, Eu já fui diretora da escola e foi eu quem fez todos os resgates da comunidade na época que eu estava na educação; nós fazíamos festas nos dias comemorativos da Consciência Negra e ainda temos pessoas que ainda rejeitam a cultura e a questão de ervas medicinais do pessoal, o Candomblé, hoje, as pessoas têm a vergonha de falar para o seu colega suas culturas e tradições. As pessoas sabem, mas eles ainda usam o candomblé, mas fazem escondidas, porque têm outras que fazem parte de outra religião e não é bem aceito e mostra certa resistência, outras sabem rezar, tem alunos e moradores que também é artista cursivo, isso também muito é difícil, mas esses assuntos, essas culturas são Trabalhadas na escola e nos projetos tem os estandes no qual as culturas e tradições são resgatadas para o dia a dia tanto do aluno quanto dos moradores da comunidade. Então os alunos demonstram nesse projeto o que eles aprenderam no decorrer do ano letivo. Então essas culturas elas sempre foram trabalhadas no dia comemorativo da consciência negra.

Na escola tem material suficiente para ser trabalhado? Não tem. Mas esses assuntos sobre essas culturas ela é trabalhada na escola? Acredito que sim. Mas, tem pessoas que não gostam de culturas, mas tem pessoas que gostam. E é nesses projetos que eles fazem festas, danças e demonstram sua origem.

Então essas culturas elas sempre são trabalhadas no dia comemorativo da consciência negra, a escola tem material suficiente para ser trabalhado? Não tem. Tem o mínimo. Precisa melhorar muito.

Qual a cultura e as tradições dentro da Educação? Quais são os impactos?

Aqui tem os evangélicos que moram no povoado, eles têm resistências em não querer aceitar, que dizem que a macumba, ou o candomblé é do demônio. Mas, a visão que eles tem sobre isso, melhorou muito. Porque assim são suas raízes, esse

assunto faz parte da História, uma disciplina que faz parte e tem que ser trabalhada na escola.

Cultura e as tradições foram esquecidas com o passar do tempo, hoje na escola, o que é preciso para trazer de volta essas culturas? Nos projetos, tem estandes, cada professor trabalha, e ali ele vai passar o que ele aprendeu no projeto e na apresentação eles vão mostrar o que eles aprenderam.

Quando o pessoal de Maceió chegou aqui foram conversar com presidente de outra Associação que mora naquele lado de lá. Aí, como eu era diretora da escola ele disse não, eu já tenho Associação que era uma pessoa idosa, então eles vieram aqui e depois eu comecei a trabalhar com eles, sou curiosa tive a curiosidade de me aprofundar e saber da história da escola na qual eu estava fazendo parte foi fácil. Então comecei a pesquisar, a conversar com as pessoas, mas o senhor havia falecido, depois comecei a fazer parte de Maceió, em Arapiraca e Brasília.

Por que o governo Municipal não ajudava financeiramente, eu comecei a viajar para discutir essas questões da comunidade e assim sabe-se que quando faz parte de qualquer evento você se destaca muito, você conversa, você pergunta, você fala e o cidadão desenvolve recomeço, outras pessoas não enxergar isso, eu fiquei fazendo parte de todas as reuniões, o pessoal chama Delmiro Gouveia, e eu comecei a fazer parte com três grupos; teve um município que em três meses o pessoal veio fazer a visita.

Onde tem pessoas que até hoje não quer saber, aí começaram a pensar que eu recebia alguma coisa para fazer parte e começaram a falar de mim, falavam que eu recebia algo em troca, mas não era isso, nunca procuraram saber qual era a verdade, queria saber o que lhes convém, eu acredito que essa administração ela vai melhorar porque foi Ziane Costa (atual prefeita do Município) que fez o registro da associação na época, eles foram dar uma oportunidade, porque os nossos gestores municipais, é por isso que eu não gosto mais de falar nada porque as coisas ficam tudo no papel; não vai para a prática, não ficam bonitinhos, têm os professores que elaboram os projetos, todo mundo sabe que recebiam algo para o projeto, eles vinham aqui ficar no mês mesmo saía tchau, tchau, tchau, tchau...; então quando você tem o compromisso com as pessoas não é dessa forma porque aí está só avisando o financeiro.

Uma pessoa é responsável pela escola de Goiânia e não chamo nem ninguém para ir para casa porque eu não vou falar mais a ninguém porque não só fica no papel

só no papel meu amor a escola daqui só funciona fundamental menor coisa que é porque o fundamental maior porque a verba que vem é dobrada se você tiver 50 centavos por um aluno e nada mais. O fundamental maior vai para o povoado salgado, o diretor da escola de lá é nota 10. Mas, o fundamental maior tem que ser aqui no povoado, porque a escola tem estrutura que possa atender o fundamental maior. Os professores que dão aulas aqui são de Delmiro Gouveia. Não são qualificados, mas o Estado deve dar incentivos para eles se qualificarem.

## **8. Considerações finais**

O momento pandêmico reprimiu muitos estudos que deveriam ter outra roupagem, contudo diante dos fatos, reaprendemos a viver um novo normal. A pesquisa, assim como o contato no Povoado Cruz foi difícil, porém foi necessário para ter a base diante dos mecanismos pedagógicos para desenvolver esse estudo, muito importante para a realidade quilombola.

O trabalho na comunidade quilombola é ativo na medida do possível. Difícil de manter, mas continua a ser repassado para as demais gerações sobre a cultura local, da figura e valor diante da pessoa da Silvana, que representa sinônimo de coragem e força para viver. Neste enredo sobre o momento atual pode adentra na questão das lutas de classes, por ser uma necessidade constante no meio capitalista, para que existam sempre novas oportunidades de favorecer cada vez mais a luta pela sobrevivência da cultura deste povo que resiste nos dias atuais.

A cultura local é sempre alimentada pelos mais velhos, assim como a escola em seu desenvolvimento pedagógico desenvolve o ensino diante da realidade da cultura afro descendente, sempre referenciando a pessoa Silvana, fonte de resistência. O momento de culminância de projetos, assim como nas aulas de história é sempre referenciado a importância de manter viva essa luta da Silvana nesta parte do Alto Sertão alagoano.

Existem os entraves de outras crenças no município que fala que a cultura estar envolvida com as coisas do demônio, na pessoa dos evangélicos, contudo já estão aceitando a realidade local necessita manter sua natureza aberta, manter a sua tradição é realmente ter uma identidade.

Segundo as informações da direção da escola o trabalho pedagógico é amplo para as disciplinas de História e Geografia, trabalham a igualdade racial e suas descendências afro junto, dentro da realidade em Lei 11. 645. A disciplina História Afro, e na disciplina de Geografia o professor procurar adentrar na realidade natural e real com os alunos em contato com a natureza dentro das trilhas em parceria com a direção e demais do corpo docente.

Os projetos que a escola produz antes da pandemia podem realmente visualizar os caminhos para a continuidade da cultura como no festival cultural Raízes Quilombolas: África em nós, neste momento é aberta a comunidade para prestigiar seus filhos expor a cultura que existe. O trabalho é vivo com isso torna-se mais interessante para o aluno poder se comprometer e vivenciar a realidade dos seus antepassados.

A necessidade em desenvolver um trabalho diante dos mecanismos históricos e local dentro da unidade escolar básica põe em prática diversos pontos cruciais para manter viva a cultura e o turismo para o local, visto que o local é único, com bons locais para trilhas e banho em rio, com isso é favorável para a continuidade da comunidade Cruz.

### **Referências bibliográficas**

ALAGOAS. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. **Estudo sobre as comunidades Quilombolas de Alagoas/Alagoas**. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. – Maceió: SEPLAG, 2015. Disponível em: <http://www.iteral.al.gov.br/dtpaf/comunidadesquilombolasdealagoas/estudocomunidadesquilombolas.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **Historia**. São Paulo, n. 14, p.125-136, 1995.

BARBOSA, Muryatan Santana. **A perspectiva africana na História Geral da África (Unesco)**. **Tempo vol.24 no.3 Niterói Sept. /Dec. 2018**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/tem-1980-542x2018v240301>. Acessado em: 15 de março de 2020.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1979.

CARVALHO, C.P. **Formação Histórica de Alagoas**. GRAFITEX, 2015.

DA SILVA, Moisés Sebastião. **Experiências entre a escravidão e a liberdade: os africanos livres na província de alagoas (1850-1864)**. Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. 2013. Disponível de: file:///C:/Users/User/Downloads/1391634717\_ARQUIVO\_Trabaho\_versao\_final.pdf. Acessado em: 15 de março de 2020.

Da SILVA, Thiago Stering Moreira. **Caminhos e descaminhos da historiografia da História da África (1840-1990)**. Universidade Federal de Juiz de Fora Instituto de Ciências Humanas Departamento de História. Juiz de Fora – MG. 2010. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/2010-Caminhos-e-descaminhos-da-historiografia-da-História-da-África-1840-.pdf. Acessado em 15 de março de 2020.

DA SILVA, Wellington José Gomes. **A liberdade requer limites: o fundo de emancipação e liberdade na Província das Alagoas (1871-1888)**. Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/A%20liberdade%20requer%20limites\_%20o%20fund o%20de%20emancipação%20e%20a%20liberdade%20na%20província%20de%20 Alagoas.%20(1871-1886).pdf. Acessado em: 15 de março de 2020.

MARQUES, Amanda Christinne Nascimento; MENDES, Carmelita Bastos; SILVA, Weronike Caraíba Moreira. Pelo direito de ser diferente: a situação atual das comunidades quilombolas em Alagoas, Brasil. **Revista Científica do IFAL**, v. 3, n. 2 – jul./dez. 2012.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

MOURA, Clóvis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MURA, F. Á Procura do **Bom viver**: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. 2006. 504f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-

graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS – MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

PECQUEUR, B. **O desenvolvimento territorial**: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do sul. Raízes, Campina Grande, v.24, n.1/2, p.11-22, 2005.

PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Fome Afeta 90% das Vilas Quilombolas**. 2005. Disponível em: <www.pnud.org.br>. Acesso em 20 mar. 2021.

SANTOS, Eslania Correia dos; ROCHA, Joallan Cardim. **As comunidades quilombolas no Brasil**: a luta pelo acesso à terra. In: IV Encontro Nacional e X Fórum Estado, Capital, Trabalho: O fim do pensamento crítico reflexivo? A negação do humano e a banalização da teoria, 2017.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. **A atualização do conceito de quilombo**: identidade e territórios nas definições teóricas. Ambiente & Sociedade, ano 5, n. 10, jan. /jun. 2002.

SILVA, José Bezerra da. **Educação escolar quilombola**: limites e perspectivas. Palmeira dos Índios: FACESTA, 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. (Orgs). **O pensamento negro em educação no Brasil**: expressões do movimento negro. São Carlos: Ed. da UFSCar, 1997. 104 p.

SILVA, José Antônio Novaes da. **Condições de moradia e de saúde em três comunidades quilombolas do estado da Paraíba**. Cadernos Imbondeiro, v.4, 2015.

SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto De. **Ser quilombola**: identidade, território e educação na cultura infantil. Campinas, São Paulo (Tese de doutorado). 2005.

TEIXEIRA, Luana. **“Atrevidos e belicosos”: cativos insubmissos no comércio interprovincial de escravos “FearlessandBellicoses”**: InsubordinateSlaves in the Interprovincial Slave Trade. Disponível em:file:///C:/Users/User/Downloads/1806-9347-rbh-38-79-131.pdf. Acessado em 15 de março de 2020.

THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social e crítica dos meios de comunicação de massa. São Paulo: Vozes, 1995. 427p.